

UMA NOVA SÍNTESE
SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ⁽¹⁾

É natural que a um período de intensa inovação, necessariamente dispersa, parcelar e muitas vezes menos ordenada, suceda, na evolução de uma ciência, um período de síntese e reajustamento. Assim se passou no que respeita à chamada Nova Geografia (em oposição a uma Geografia Clássica), como alguns autores, com infelicidade, a qualificaram. Com efeito, à revolução metodológica e conceptual que se evidenciou nos anos 50 e se consolidou nos 60, simultaneamente com o que se passava noutras ciências, segue-se um período de calma, dedicado à sistematização dos métodos, conceitos e conteúdos. A obra fundamental

⁽¹⁾ R. ABLER, J. S. ADAMS & P. GOULD, *Spatial Organization*, Englewood Cliffs, 1971, XIX + 587 p.p.

de BUNGE ⁽²⁾, constitui uma tentativa, mas como o próprio autor deixa ver, parcelar e, em certa medida, extemporânea.

Mais tarde, 1965, HAGGETT ⁽³⁾ faz uma extensa, e por vezes estruturada, síntese da problemática da análise locativa em Geografia Humana, que representava no fundo um reportório organizado e sistematizado dos progressos científicos registados naqueles ramos da Geografia, particularmente nos anos 50 e primeira parte da década de 60. Esta obra irá ter nos anos 60 larga divulgação ao nível do ensino universitário nos países germânicos e de língua inglesa. Posteriormente a sua tradução aparece mesmo em espanhol — embora fora do âmbito dos geógrafos — e em francês, neste caso numa colecção de livros de Geografia. Entretanto HAGGETT só mais tarde tentará numa síntese global da Geografia ⁽⁴⁾, com um peso maior para a Geografia Humana, mas que no momento em que aparece não traz grandes vantagens relativamente a duas obras de síntese que a antecederam, embora se possam considerar todas simultâneas. Referimo-nos às obras fundamentais de R. MORRILL ⁽⁵⁾ e de ABLER, ADAMS & GOULD, *Spatial Organization* ⁽⁶⁾. De todas, esta última é sem dúvida a mais didáctica síntese daquilo que se pode pensar deverá constituir hoje o ensino básico da Geografia Humana. Ao longo de 585 páginas, os autores, de uma forma simples, clara, esclarecida e esclarecedora, mostram o que é, deve e pode ser a Geografia, particularmente a Geografia Humana, nos seus fundamentos como ciência, nos conceitos, âmbitos e limites, como nos seus problemas e fins principais. Mas, fundamentalmente desenvolve de forma sistemática os grandes campos da Geografia Humana.

A obra está repartida por cinco partes, a que correspondem quinze capítulos. A primeira parte, *Ordem, Ciência e Geografia*, analisa precisamente os fundamentos científicos da disciplina, começando por discutir de modo simples e cativante, dentro de um *espírito geográfico*, as origens, a natureza, o método e a explicação nos domínios científicos, para assim enquadrar a «Ciência da Geografia», primeiro, entre as outras ciências e depois dentro de uma perspectiva evolutiva da própria Geografia: as questões geográficas tradicionais e o novo contexto espacial.

A segunda parte estuda ainda problemas de base: a medição, as relações e a classificação. O primeiro capítulo, dedicado ao problema da medição e da escala, inicia-se por um exórdio de ESTRABÃO que bem resume a resposta a tantas dúvidas bizantinas: *A frase «mais ou menos» é um erro muito frequente nos reis e geógrafos*. Assim, qualificação e quantificação não podem ser alternativas opostas; por isso são analisados vários exemplos e métodos de quantificação e medida, sempre através de uma sequência leve, atractiva e lógica. Da medida passa-se à rela-

⁽²⁾ W. BUNGE, *Theoretical Geography*, Lund 1962.

⁽³⁾ P. HAGGETT, *Locational Analysis in Human Geography*, London 1965.

⁽⁴⁾ P. HAGGETT, *Geography: A Modern Synthesis*, London 1972.

⁽⁵⁾ R. MORRILL, *The Spatial Organization of Society*, Belmont 1970.

⁽⁶⁾ Ao nível das concepções teóricas, metodológicas e epistemológicas é imprescindível referir a obra fundamental de DAVID HARVEY, *Explanation in Geography*, London, 1969, que só encontrará paralelo nas obras clássicas de A. HETTNER e de R. HARTSHORNE.

ção, para se vir a atingir a explicação, ideias que os autores começam por analisar exemplarmente, buscando os mais variados exemplos e analogias, desde a difusão do povoamento branco na América do Norte, e das preferências habitacionais dos estudantes nigerianos, até à análise de problemas meteorológicos, ao estudo das áreas de influência de núcleos populacionais ou à distribuição populacional em áreas urbanas. Daqui se passa à análise do desenvolvimento de tendências espaciais e de regularidades numa região, apresentam-se as relações lineares e referem-se a certos tipos de relações não lineares.

O capítulo dedicado à *Classificação* inicia-se pela apresentação de metodologia muito simples para progressivamente introduzir mais dificuldades, como seja a utilização da análise multivariada na classificação dos fenómenos geográficos.

A terceira parte, além de ser a mais extensa, é a que evidencia um conteúdo mais vasto, que o tema, *Localização e interacção espacial*, justifica e exige. Os quatro capítulos por que se reparte a matéria sucedem-se logicamente e equilibram-se; os dois primeiros tratam as bases da interacção espacial, o movimento e os sistemas de transportes; os outros, a localização das actividades do homem e a utilização do solo.

Porque se movimentam pessoas e coisas à superfície da terra? Quais os princípios que explicam o desenvolvimento dos transportes? Estas são questões-base no estudo da interacção espacial que tem, em dois modelos simples, excelentes instrumentos teóricos: o modelo potencial e o gravitacional, o qual «Diz tanto e tão bem», pois «Simplicidade e elegância foram sempre uma virtude das boas teorias científicas» (p. 221). O capítulo dedicado a *Movimento e sistemas de transportes* obedece ao esquema da parte geral em que se insere. Assim, primeiro é analisada a *Geometria do movimento*, em que se identificam as numerosas formas geométricas que os vários tipos de movimento podem assumir, seguindo-se o estudo das redes de fluxos que têm como base teórica a teoria dos grafos, os quais associados a matrizes representam as redes de transportes. Em ligação com redes e fluxos são inseridas as hierarquias de lugares, para se chegar mesmo ao estudo das relações entre redes de transportes e crescimento urbano.

O conteúdo dos dois capítulos dedicados ao problema da localização (*A place for everything...*) poderia em parte ser considerado (e é...) campo dos economistas, mas os autores lembram que *Os economistas habitualmente pensam nos lugares como pontos, não como áreas* (p. 299). Na localização das actividades humanas são retomados e sintetizados os estudos clássicos e tratados alguns casos concretos, quer para as actividades secundárias quer para as terciárias e quaternárias.

Por último, no capítulo 10 é tratado o tema da localização e utilização do solo (*...and everything in its place*), que nos aparece um tanto incompleto, pois restringe-se a três temas: a localização da actividade agrícola (VON THÜNEN...), a teoria dos lugares centrais e a organização do espaço no interior das aglomerações urbanas. Creemos que deveria ter sido tratado no mesmo plano, o «areal», a utilização do espaço industrial, que no capítulo 9 fora analisado numa perspectiva

pontual. Esta lacuna reflecte de resto a pobreza dos estudos geográficos neste domínio.

O primeiro capítulo da 4.^a parte (Processos de Difusão Espacial), *Spatial Diffusion: Feshing Space and Time*, além de apresentar o conteúdo geral da difusão dos fenómenos no espaço, exemplifica-o através de numerosos casos estudados, desde os clássicos de T. HÄGERSTRAND, na Suécia, a outros mais recentes. O problema das barreiras merece destacada atenção, não deixando de ser estabelecidas analogias entre os fenómenos humanos e os físicos: barreiras às ondas marinhas, aos campos de comunicação social ou ao crescimento das manchas urbanas.

A segunda parte deste capítulo analisa os níveis e as escalas em que se processa a difusão espacial, bem como a sua estruturação, podendo-se assim chegar aos modelos de simulação destes processos. A exemplificação é mais uma vez muito vasta e variada, partindo de novo de T. HÄGERSTRAND assim como de outros mais recentes: P. GOULD, R. MORRIL, G. RYLE, L. BOWDEN, J. RIDDELL e outros. Os níveis espaciais propostos para a difusão são: o individual ou micronível, o urbano, o regional, o nacional e o internacional.

A importância prática deste tipo de estudo é assinalada, assim como as suas principais carências, limitações e formas de as remover. «Lembre-mos que a raiz crucial é *crua* — uma cruz. Pontos de cruzamento numa rede representam pontos onde as decisões podem ser preparadas. Para aumentar o grau em que as coisas se difundem através de uma rede, temos de saber muito mais acerca destes *pontos de decisão espacial*» (p. 450) e recordam-nos ainda que «... não há nada mais aplicável que uma boa teoria, mas quando os estudos de campo não são feitos com uma forte base teórica, ou quando a teoria se desenvolve divorciada do mundo, profundidade é provavelmente atirar-se pela janela» (p. 450).

A última parte da obra, *Organização Espacial e Processo de Decisão*, pode dizer-se que constitui uma síntese, não no sentido habitual do termo, mas na medida em que trata os problemas da tomada de decisão na organização do espaço. Ora este, na ordem prática das coisas, constituirá um fim último da actividade do geógrafo.

O primeiro capítulo, *Decisões espaciais individuais numa estrutura normativa*, divide-se em duas partes. A primeira, mais desenvolvida, trata, através de vários exemplos, os problemas da maximização e de minimização. No primeiro caso toma particular relevo a utilização da técnica de programação linear, que os autores apresentam nos seus fundamentos básicos, parecendo-nos entretanto que poderiam ter referido um leque mais vasto de aplicações no domínio da tomada de decisões na organização do espaço. A segunda parte, muito geral, mostra como a teoria dos jogos poderá constituir uma base conceptual nas estratégias para o processo de decisão espacial.

O capítulo segundo trata as *Decisões espaciais do indivíduo numa estrutura descritiva*. Ao contrário do capítulo anterior, as situações complicam-se, deixando de ser normativas para serem probabilísticas. Aproximamo-nos portanto do comportamento espacial real do homem.

Torna-se assim necessário recorrer à análise da percepção do espaço geográfico, em que os *mapas mentais* e a formação de *superfícies de percepção* constituem os campos mais avançados da pesquisa geográfica neste domínio, o que, em grande medida, se deve ao próprio P. GOULD.

O capítulo 14, penúltimo da obra, é dedicado ao principal problema prático do geógrafo: a questão da melhor localização. Na forma como o assunto é abordado este capítulo torna-se um tanto desnecessário na economia global do livro. Com efeito, quando se esperaria uma revisão da teoria do problema, posta em termos geográficos, o tema é tratado sobretudo através de exemplos: localização de hospitais na Suécia (de S. GODLUND), de hospitais na Guatemala (de GOULD e LEINBACH), de centros administrativos em Ontário, Canadá (de GOODCHILD e MASSAM) e aspectos da localização industrial na Suécia (TÖRNQVIST).

O último capítulo é dedicado ao futuro: *A Geografia do Futuro e o Futuro da Geografia*. Qual a futura organização espacial da humanidade e com que tipo de problemas deparará o homem em geral e o geógrafo em particular? As hipóteses colocadas pelos autores são altamente estimulantes e optimistas para o geógrafo. Assim, no que respeita ao futuro da Geografia, a organização espacial continuará a ser o tema dominante: «As questões básicas sobre o onde das coisas e o porquê desse onde, continuarão a ser o cerne das dúvidas geográficas no terceiro milénio da Geografia como ciência distinta. Os problemas passarão da análise da localização actual ou passada das coisas, para uma maior procura sobre onde poderão estar e onde deveriam estar, mas persistirá a preocupação fundamental — explicação da localização» (p. 573). E ainda, na curiosa expressão dos autores: «Cada vez se esperará mais que os geógrafos, à medida que caminhamos para níveis ecuménicos de organização espacial, pratiquem uma medicina espacial preventiva» (p. 573). Por último, ainda dentro do mesmo optimismo, um aviso, ou indicação, é feito: «Teremos êxito se formos guiados pela convicção de que o presente é o começo do futuro e não o fim do passado» (p. 575).

Obra profundamente didáctica, será entre nós, como em qualquer outra parte, útil ao especialista, ao professor universitário e ao estudante, podendo ainda o professor do ensino secundário encontrar aí ideias para animar as suas aulas. Ao leitor desprevenido, este livro de ADAMS, ABLER e GOULD poderá parecer por vezes difícil ou complicado; tal não corresponde à realidade, podendo considerar-se uma obra que em muitos capítulos se dirige aos que se iniciam no estudo da Geografia Humana.

JORGE GASPAR